

DESCOLONIZAÇÃO DO VERBO: ORALIDADE E APROPRIAÇÃO DO FRANCÊS NA LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA FRANCESA

DESCOLONIZATION OF THE VERB: ORALITY AND APPROPRIATION OF FRENCH IN AFRICAN LITERARY OF FRENCH LANGUAGE

DESCOLONIZACIÓN DEL VERBO: ORALIDAD Y APROPIACIÓN DEL FRANCÉS EN LA LITERATURA AFRICANA DE LENGUA FRANCESA

*Kasonga NKOTA**

*Enilce Albergaria ROCHA***

Resumo: A literatura africana de língua francesa resultou do encontro entre colonizadores e colonizados, ocorrido entre a França, a Bélgica e os países africanos. Esta literatura tem certas especificidades que marcam a sua originalidade. Algumas de suas particularidades podem ser notadas na linguagem, através da introdução de palavras e expressões de origem africana, de uma sintaxe e de um ritmo novo, fruto da influência da oralidade. A interferência das línguas africanas e a mescla de registros linguísticos permeiam a produção literária do escritor africano e servem como meio de desconstrução e de reinvenção da língua francesa.

Palavras chave: Oralidade; Desconstrução; Apropriação.

Abstract: French-language African literature resulted from the encounter between colonizers and colonized, which occurred between France, Belgium and the African countries. This literature has certain specificities that mark its originality. Some of its

* Graduado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2013). Mestrando em Estudos literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é professor de francês, Alliance Française, em Juiz de Fora-MG. Contato: patkas2003@gmail.com.

** Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1974) e em Linguística pela Université de Toulouse II (Le Mirail) (França, 1977); Mestre em Linguística pela Université de Toulouse II (Le Mirail) (França, 1977); Doutora em Letras - Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2001) e Pós-Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Atualmente é professora associada IV na Universidade Federal de Juiz de Fora-MG. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nas seguintes linhas de pesquisa: tradução do francês para o português, identidade cultural, literaturas africanas de língua portuguesa, literaturas das diásporas das Antilhas de língua francesa e do Brasil, ensino da língua e literatura francesa. Contato: enilcejf@terra.com.br.

peculiarities can be noticed in the language through the introduction of words and expressions of African origin, a syntax and a new rhythm, fruit of the orality influence. The interference of African languages and the mixture of linguistic registers permeate the literary production of the African writer and they serve as a means of deconstruction and reinvention of French language.

Keywords: Orality; Desconstruction; Appropriation.

Resumen: La literatura africana en lengua francesa es el resultado del encuentro colonial entre Francia, Bélgica y los países africanos. Ella tiene ciertas especificidades que marcan su originalidad. Algunas de sus peculiaridades pueden ser observadas en el lenguaje, a través de la introducción de palabras y expresiones de origen africano, una sintaxis y un nuevo ritmo, fruto de la influencia de la oralidad. La interferencia de las lenguas africanas y la mezcla entre registros lingüísticos permean la producción literaria del escritor africano y sirven como medio de deconstrucción y de reinención de la lengua francesa.

Palabras clave: Oralidad; Deconstrucción; Propiedad.

Introdução

Neste artigo, trazemos um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação da Prof^a Dr^a Enilce Albergaria Rocha. Apresentamos reflexões iniciais a respeito das obras “*La vie et demie*” e “*L’Anté-peuple*”, de Sony Labou Tansi, escritor congolês, e “*Les soleils des indépendances*” e “*En attendant le vote des bêtes sauvages*”, do marfinense Ahmadou Kourouma.

A literatura africana escrita na língua dos colonizadores nasceu da vontade que os escritores africanos tinham de escrever a sua própria história a partir de uma visão diferente da visão ocidental. Nós pretendemos demonstrar que para realizar essa árdua tarefa, o escritor africano recorreu e ainda recorre à literatura oral para produzir seus textos. Quer sejam contos, poemas e outros textos ficcionais, a literatura oral africana constitui uma importante fonte de inspiração para revelar a rica cultura do continente africano e de suas diversas sociedades.

Bernard Mouralis, logo na introdução de seu artigo intitulado “*Littératures africaines, Oral, Savoir*”, publicado na revista eletrônica Semen, reivindica a importância da presença da oralidade ao dizer que:

As literaturas africanas produzidas em línguas europeias nasceram a partir do momento em que os escritores africanos manifestaram a vontade de substituir por seu próprio discurso aquele que o ocidente sustentava sobre a África e que se esforçava em impor como o único que se podia expor legitimamente sobre o continente e suas sociedades” (MOURALIS, 2004).¹

Para a análise de elementos da oralidade e apropriação do francês, usaremos, entre outras referências, as reflexões de Georges Ngal (NGAL, 1994) e de Edmond Biloa (BILOA, 2007).

Apresentação dos autores

Sony Labou Tansi, cujo nome verdadeiro é Marcel Ntsoni, nasceu em Kimwenza, região de Kinshasa na República Democrática do Congo no dia 5 de junho de 1947, e morreu em Brazzaville no dia 14 de junho de 1995. Ele nasceu de um pai natural da República Democrática do Congo e de uma mãe natural da República do Congo.

Na ocasião da publicação do seu primeiro romance na França em 1979, ele escolheu o pseudônimo Sony Labou Tansi em homenagem a Tchicaya U Tam'si, outro escritor congolês. Grande crítico de políticas baseadas em tortura, assassinatos e no culto da personalidade, Labou Tansi denunciava as ditaduras africanas em geral e a ditadura congoleza em particular.

A sua obra *La vie et demie* se desenrola em um país imaginário, la Katamalanasie. Esse romance foi saudado pela crítica internacional, notadamente a crítica francesa a tal ponto que ele se tornou uma referência africana. Segundo o escritor Alain Mabanckou (2015): “Existem três romances que são de uma grande importância na literatura negra africana, *Le devoir de violence*, de Yambo Ouologuem, *Les soleils des independances*, de Ahmadou Kourouma, e *La Vie et demie*, de Sony Labou Tansi”.

¹ Do original: “Les littératures africaines produites dans les langues européennes naissent à partir du moment où les écrivains manifestent la volonté de substituer leur propre discours à celui que l’Occident tenait sur l’Afrique et qu’il s’efforçait d’imposer comme le seul que l’on pût tenir légitimement sur ce continent et ses sociétés”. Todas as traduções para citações em língua francesa ao longo do texto serão, salvo indicação contrária, de nossa autoria.

O seu reconhecimento internacional veio em 1973 com o prêmio do concurso interafricano organizado pela Rádio França Internacional, performance que ele reiterou por três vezes. Seis anos mais tarde, ele foi premiado durante o festival da francofonia em Nice, e recebeu em 1983 o Grand prix da África negra; e enfim, em 1988, recebeu o prêmio Ibsen

Já Ahmadou Kourouma nasceu em 1927 na Costa do Marfim, e morreu em 2003 em Lyon, na França. Estudante, suas atividades políticas o levaram a ser recrutado pelo corpo expedicionário francês para lutar na guerra da Indochina. Após a independência da Costa de Marfim (1960), sua oposição ao regime de partido único de Houphouët Boigny o antigo presidente de Costa do Marfim o obrigou a deixar seu país novamente. Ele se tornou um dos escritores mais renomados do continente africano quando publicou “*Les soleils des independances*” em 1970, e teve a sua consagração ao receber dois prêmios, o Inter Book, em 1999, pela obra “*En attendant les votes des bêtes sauvage*” e o Renaudot, em 2000, pela obra “*Allah n’est pas obligé*”. Finalmente, o Prêmio Jean Giono, em 2000, veio recompensar todo seu trabalho.

Resistir através da escrita

Escrever, para um escritor africano representa uma dupla luta: externa e interna. A luta é externa porque é contra o discurso do antigo colonizador que legitimou a colonização alegando que o colonizado não tinha nem história nem tradição. Durante uma palestra no Senegal, o antigo Presidente francês Nicolas Sarkozy declarou ao Jeune Afrique em 2007 que “O Homem africano não entrou suficientemente na história”².

Sarkozy não foi o primeiro a negar à África a sua entrada na história da humanidade. Victor Hugo declarou a mesma coisa na ocasião de uma comemoração sobre a abolição da escravatura quando ele declamou: “Que terra que é essa África! A Ásia tem a sua história, a América tem a sua, a própria Austrália tem sua história, a África não tem história” (HUGO, 1885).³

A luta é também interna, pois existe um dilema linguístico por parte dos escritores africanos quando eles escrevem em línguas europeias, pois vivenciam um verdadeiro conflito interno para preservar

²Do original: “L’homme africain n’est pas entré suffisamment dans l’histoire”.

³Do original: “Quelle terre que cette Afrique! L’Asie a son histoire, l’Amérique a son histoire, l’Australie elle-même a son histoire; l’Afrique n’a pas d’histoire”.

a sua cultura usando uma língua estranha. Edmond Biloa cita Pius Nkandu Nkashama (NKASHAMA, 1989), que fala de violência e de desavença na linguagem, as quais se traduzem às vezes através de termos ou expressões incompreensíveis tanto para o leitor quanto para o próprio escritor, o qual se vê obrigado a explicar dentro do próprio texto, em notas de rodapé, os seus procedimentos linguísticos (BILOA, 2007). Assim, para o escritor africano, escrever na língua do colonizador se transforma em um ato de resistência, resistência contra a visão europeia, muitas vezes deturpada, sobre a África e sobre os africanos.

Antes de nos alongar sobre essa valiosa luta, julgamos importante expor o longo caminho do surgimento da literatura pós-colonial em língua francesa.

Gênesis da literatura africana de língua francesa

Com os primeiros livros publicados na década de vinte do século passado, a literatura africana de língua francesa vai completar em breve um século. De acordo com Sophie Lavigne, o longo e difícil caminho dessa literatura, que nasceu do encontro colonial franco-africano, iniciou-se com uma escrita que destacava os dramas históricos, etnográficos e psicológicos, cujo objetivo principal era o de contar a vida das sociedades africanas (LAVIGNE, 2011, p. 8).

Os pioneiros dessa primeira geração, entre os quais vale a pena citar René Maran, considerado pelos críticos como o primeiro a escrever um romance com a alma africana, critica abertamente o discurso do colonizador sobre a África. A obra *Batouala* de René Maran, escrita na terra africana, foi considerada o primeiro romance negro escrito por um negro. Seu autor, René Maran, um martiniquense, funcionário das colônias francesas na África, causa em 1921 uma onda de escândalo com a publicação da sua obra por causa de suas críticas exacerbadas ao colonialismo. Porém, a sua obra *Batouala* foi premiada durante esse mesmo ano com o prêmio Goncourt, o prestigioso prêmio literário francês.

O escândalo causado pela obra de René Maran pode ser ilustrado pelas citações que iremos apresentar a seguir. O primeiro a fazer duras críticas contra Maran e sua obra foi René Trautman que se expressou da seguinte forma: “É muito fácil descobrir numerosos povos negros, felizmente muito superiores ao seu. Por essa razão, a opinião deles teria

incontestavelmente mais valor, mais peso do que a opinião de um chefe de um país perdido igual o seu. Você não se ofenderá se eu me recusar a considerar que você não é o representante de toda a raça negra” (GENESTE, 2010).⁴

Vale a pena lembrar que Batouala, o herói de Maran, é um chefe africano, cuja descrição apresentada em um fragmento do romance citado anteriormente, afirma o seguinte:

O grande chefe Batouala não pode mais dormir como antes na tranquilidade do alto mato. Muitas preocupações o impedem de se aproximar do doce fogo interior do sono: suas funções rituais, a proximidade das caças, o afastamento com a sua esposa...e sobretudo, esse boato que repete que o homem branco maltrata o homem negro e o trata pior do que seu cachorro. Batouala poderia ainda viver feliz nas margens do grande rio Niobangui (MARAN, 1921).⁵

As críticas à obra de Maran continuam e podem ser ilustradas pelos fragmentos a seguir:

O pessimismo se estabeleceu entre ele e os espetáculos da natureza que ele contemplava...Isso desde a morte da sua mãe. Dez anos de solidão nessas regiões distantes, algumas vexações sofridas[...]são suficientes para amargurar um personagem obscuro. Eis a explicação, [...] de uma insatisfação que se afirma, de um humor triste e acusador, e de um pessimismo que aumenta e que é revelado no prefácio ofensivo, o prefácio irritado” (GENESTE, 2010).⁶

⁴ Do original: “[...] il est facile de découvrir de nombreux peuples noirs, heureusement très supérieurs au tien. Pour cette raison, [leur] opinion [...] aurait incontestablement plus de valeur, plus de poids, que celle du chef d'un pays perdu comme le tien. Tu ne t'offenseras donc pas, si je me refuse à te considérer comme le porte-parole de toute la race noire”.

⁵ Do original: “Le grand chef Batouala ne peut plus dormir comme avant dans la quiétude de la haute brousse. De nombreux soucis l'empêchent de rejoindre «le doux feu intérieur du sommeil»: ses fonctions rituelles, la proximité des chasses, l'éloignement manifeste de sa femme... Et surtout, cette sourde rumeur qui répète que l'homme blanc accable l'homme noir et le traite moins bien que son chien. Batouala, pourra-t-il encore vivre heureux au bord du grand fleuve Niobangui?”

⁶ Do original: “[...] du pessimisme s'est glissé entre lui et les spectacles de la nature qu'il contemplait [...]. Cela date de la mort de sa mère. [...] Dix années de solitude hostile dans ces régions éloignées de tout, [...] quelques vexations subies [...] C'en est assez pour aigrir un caractère ombrageux... [...] Et voilà l'explication, [...] d'un

Em resposta às várias críticas sofridas por causa do seu romance, Maran não se deixou intimidar e respondeu à altura. De fato, disse ele, “eu nasci em Fort-de-France no dia 5 de novembro de 1887; que eu tenha nascido aqui ou lá, não tem para mim nenhuma importância relativa. O essencial é viver e tentar deixar uma obra. O resto, como diria Verlaine é apenas a literatura”.⁷

Ao referir-se a Maran, Senghor o chama de pioneiro: “Tout procède de René Maran” reconhecendo o papel precursor de Maran na constituição da literatura africana de língua francesa. “Tudo procede de Maran”. Porém, antes de Batouala já existiam romances escritos pelos africanos. Tratava-se de obras que faziam uma apologia à França; eram africanos amantes da “douce France” e da sua civilização. Entre eles estão Amadou Mapaté Diagne que escreveu “Les trois volontés de Malic”, publicado em 1920, e Bacary Diallo que publicou Force-bonté, em 1926.

Dentre os pioneiros, existe um segundo grupo formado pelos moderados que buscam conciliar a cultura africana com a cultura francesa, como, por exemplo, Socé Diop e Paul Hazoumé. No romance Karim, publicado em 1935, Ousmane Socé desenvolve uma ideologia em defesa do encontro intercultural, e em Mirage de Paris, publicado em 1937, o autor descreve as conseqüências da confrontação entre culturas e apela para o nascimento de uma civilização mestiça.

Dentre as grandes figuras dessa geração citamos Abdoulaye Sadjí com suas obras “Nini, mulâtresse du Sénégal” (1947) e “Maïmouna” (1952), Eza Boto escreveu “Ville cruelle” (1954), Mongo Beti produziu “Le pauvre Christ de Bomba” (1956), Camara Laye com seu “L’enfant Noir” (1953), Ferdinand Oyono escreveu duas obras “Une vie de Boy” (1956) e “Le vieux nègre et la médaille” (1956), Sembene Ousmane com seu “Le bout de Bois de Dieu” (1960).

Eles se inspiravam na literatura francesa do século dezenove que era estudada na escola colonial. A crítica chama essa literatura de “littérature d’instituteurs” (literatura de professores), pois era respeitosa

mécontentement qui s'affirme, d'une humeur chagrine qui s'accuse, et d'un pessimisme qui augmente et qui se fait jour dans la préface incriminée, la préface irritée.”

⁷ Do original: “Je suis né en effet à Fort-de-France le 5 novembre 1887, que je sois né ici ou là n'a d'ailleurs, pour moi, qu'une importance relative. L'essentiel est de vivre et d'essayer de laisser une œuvre après soi. Le reste dirait Verlaine, n'est que littérature”.

da norma linguística prescrita em Paris. Dentre as características dessa literatura, podemos destacar a contestação, cujo alvo principal era a colonização. Uma das expressões dessa contestação foi o surgimento do movimento da negritude que reivindicava a reconciliação com o passado pré-colonial.

A negritude, de acordo com Sophie Lavigne, desenvolveu-se em Paris, porém nasceu nos Estados Unidos. Sophie Lavigne cita autores como Langstone Hughes, Claude Macky, Alain Locke e William Edward B. Dubois. Este último, segundo a autora, durante sua passagem por Paris, influenciou e marcou o imaginário dos africanos na França (LAVIGNE, 2011).

Mas, foi a publicação em 1932 do único número da revista *Légitime défense* que deu o impulso ao nascimento da negritude. Foi Césaire que depois do seu contato com os autores norte-americanos publicou em 1939 em *Cahier d'un retour au pays natal* um poema cujo trecho a seguir marca o nascimento da negritude:

Minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada contra o clamor
do dia
minha negritude não é uma mancha de água morta sobre o olho morto
da terra
minha negritude não é uma torre nem uma catedral

Ela mergulha na carne rubra do solo
Ela mergulha na carne ardente do céu
Ela perfura o abatimento opaco com sua reta paciência (CESAIRE,
2012, p. 65).⁸

Foi entre os anos 1940 e 1950, de acordo com Lavigne, que a negritude floresceu através da obra de Senghor, “*Une anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*” onde consta o trabalho de Léon Gontran Damas. Essa antologia vai se tornar o manifesto da negritude com a contribuição dos três líderes: Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor e Léon Gontran Damas.

O pensamento da negritude foi bem resumido por Beti e Tobner:

⁸ Do original: “Ma negritude n’est pas une pierre, sa surdit   ru  e contre la clameur du jour...elle plonge dans la chair rouge du soleil...elle plonge dans la chair ardente du ciel”. Tradua  o de Lilian Pestre de Almeida

A negritude é a imagem que o negro constrói sobre ele mesmo em resposta à imagem que foi construída sobre ele, sem ele, portanto, contra ele, na mente dos povos da pele clara - imagem dele mesmo constantemente reconquistada, reabilitada diariamente contra as impurezas e os preconceitos da escravidão, da dominação colonial e neocolonial (BETI e TOBNER, 1989, p. 6).⁹

Para alcançar esse objetivo, a negritude escolheu a poesia para se expressar. Senghor afirmava através de seus poemas a necessidade da África se afirmar se apropriando das inovações estilísticas europeias com o objetivo de celebrar a sua própria identidade:

Minha negritude não é sono da raça
mas sol do espírito,
minha negritude vê e vive
minha negritude é enxada na mão,
lança em punho cetro.
Não é questão de beber de comer no instante que passa
Tão pior se me enteneço sobre as rosas do cabo verde!
Meu papel é o de despertar o meu povo aos futuros flamejantes
minha alegria de criar imagens para nutri-lo,
oh luminosidades ritmadas da Palavra! (SENGHOR, 1969)¹⁰

A terceira geração iniciou-se logo depois das independências africanas nas décadas de sessenta. Trata-se de uma literatura dita subversiva, original, que não se preocupa com a norma e tenta “africanizar” a língua francesa - como afirma Amadou Korouma:

O que fiz? Simplesmente dei livre curso ao meu temperamento distorcendo uma língua clássica muito rígida para que meu pensamento possa se mover. Então traduzi o malinké em francês

⁹ Do original: « La négritude, c'est l'image que le Noir se construit de lui même en réplique à l'image qui s'est édifié de lui, sans lui, donc contre lui, dans l'esprit des peuples de peau Claire – image de lui même sans cesse reconquise, quotidiennement réhabilitée contre les souillures et les préjugés de l'esclavage, de la domination coloniale et néocoloniale ».

¹⁰ Do original: “Ma Négritude point n'est sommeil de la race mais soleil / De l'âme, ma négritude vue et vie / Ma Négritude est truelle à la main, est lance au poing / Réécade. Il n'est question de boire, de manger l'instant qui passe / Tant pis si je m'attendris sur les roses du Cap-Vert! / Ma tâche est d'éveiller mon peuple aux futurs flamboyants / Ma joie de créer des images pour le nourrir, / Ô lumières rythmées de la Parole”.

quebrando o francês para poder encontrar e restituir o ritmo africano (KOUROUMA, 1970, p. 10).¹¹

Com a terceira geração, o objeto da contestação deixa de ser a colonização para direcionar suas críticas contra as ditaduras e os regimes déspotas. Dentre os grandes nomes dessa geração estão Amadou Kourouma, *Le soleil des independances* (1970); Ousmane Sembene, *Le Dernier de l'empire* (1981); Alioum Fantouré, *Le cercle des tropiques* (1991); Yambo Ouologuem, *Le devoir de violence* (1968); Thierno Monenembo, *Les crapauds brousses* (1979); Henri Lopes, *Le pleurer – Rire* (1982); Vumbi Yoka Mudimbe, *Entre les Eaux* (1973); Boubacar Boris Diop, *Le Temps de Tamango* (1981) ...

Foi durante esse período que a literatura feminina fez sua entrada no círculo da literatura africana. Thérèse Moukoury: *Rencontres essentielles* (1969), Aoua Keita: *Femme d'Afrique* (1975), Aminata S. Fall: *Le revenant* (1976), Nafissatou Diallo: *De Tilène à Plateau* (1975), Mariama Bâ: *Une si longue lettre* (1979), Clémentine Faik Nzuji, *Énigmes Lubas-Nshinga* (1970).

A escrita subversiva, continuação

No final dos anos noventa surge uma nova geração que vai continuar a escrita subversiva iniciada, após a independência das colônias africanas. Alain Mabanckou faz parte dessa nova geração que se demarca das precedentes através de uma escrita sofisticada, fragmentada, bem distante do classicismo dos primeiros escritores africanos.

De acordo com Paula Nogueira, essa geração que também é chamada de geração pós-colonial se distingue pelo uso de novas estratégias de escrita, de temas marginais, tais como o exílio, a imigração, a loucura, a sexualidade, e o próprio processo da escrita (NOGUEIRA, 2014). A geração pós-colonial, como a denomina Nogueira, se insurge contra a identidade hegemônica criada e imposta pelo colonizador. Esses escritores rejeitam a visão de uma identidade única e tentam restituir a cada povo sua própria identidade destacando a

¹¹ “Qu'avais-je fait? Simplement donné libre cours à mon tempérament en distordant une langue classique trop rigide pour que ma pensée s'y émeuve. J'ai donc traduit le malinké en français en cassant le français pour trouver et restituer le rythme africain”.

existência de várias Áfricas. O trabalho de reconstrução se realiza através de mitos, da narrativa, da memória e da imaginação (NOGUEIRA, 2014).

Outra característica dessa geração como afirma Edmond Biloa é a apropriação da língua francesa através de palavras, expressões, de uma sintaxe e de um ritmo novo, a influência da oralidade e a interferência das línguas africanas (BILOA, 2007).

O primeiro escritor africano que começou a subverter a escrita em francês foi o marfinense Amadou Kourouma. A subversão na obra de Kourouma pode se observar através da mistura que ele faz do francês com a língua malinké. As palavras africanas assim como as marcas da oralidade estão onipresentes na obra de Kourouma¹² através de provérbios, máximas, contos e fábulas, e através da teatralização de autores da oralidade (os mais velhos, os griots e os contadores) como nota Biloa (BILOA, 2007).

As marcas da oralidade presentes nos textos dos autores africanos são qualificadas por Alioune Tine de “Oralité feinte” (Oralidade disfarçada) (CHEVRIER, 1999).

De acordo com Alioune Tine, citado por Jacques Chevrier:

a oralidade disfarçada se articula em torno de uma série de estratégias narrativas que ao invés de uma simples citação prefere vários procedimentos tais como a interferência linguística, o calque estrutural, a sobrecarga burlesca, a teatralização, o recurso ao código de enigma e do maravilhoso, a carga semântica dos sobrenomes africanos (CHEVRIER, 1999).¹³

Na ocasião de uma entrevista concedida a Michèle Zalessky, publicada em *Diagonale*, Kourouma declarou que “Os africanos que adotaram a língua francesa devem agora adaptá-la e mudá-la para ficar à vontade. Eles devem introduzir as palavras, as expressões e uma nova sintaxe” (DUMONT, 2001). Durante a mesma entrevista, Kourouma cita a francofonia que já integra muitos neologismos de origem africana e leva em consideração o uso africano do francês, fato que se confirma

¹² Vide Kourouma (1999; 2000)

¹³ Do original: “l’oralité feinte s’articule autour d’une série de stratégies narratives qui, à la citation pure et simple, préfèrent différentes procédures comme l’interférence linguistique, le calque structural, la surcharge burlesque, la théâtralisation, le recours au code de l’énigme et du merveilleux, la charge sémantique des patronymes africains”.

através da presença no mercado do livro dos dicionários do francês da África (DUMONT, 2001).

Outro escritor africano que descontrói literalmente a linguagem em suas obras é o congolês Sony Labou Tansi. Usando e abusando da polissemia, como observa Biloa, Labou Tansi desfaz e descontrói a língua a tal ponto que o sentido dos signos está em constante flutuação, o que desorienta o leitor (BILOA, 2007) Labou Tansi afirmava: “Eu faço explodir as palavras para expressar a minha tropicalidade”. Segundo J. Burgos, essa explosão neológica aparenta-se a uma linguagem catastrófica que estabelece uma restauração da forma romanesca, através de um rompimento fundamental da legibilidade da língua (BURGOS, 1982).

Segundo Georges Ngal, as tropicalidades reivindicadas por Labou Tansi maltratam a língua francesa. Ele demonstra que o autor citado mistura vários registros de língua francesa (formal e informal), recorre aos africanismos tais como “recevoir une gifle intérieure” (levar um tapa interior), “dormir une femme” (dormir uma mulher), “deuxième bureau” (segundo escritório) para designar a segunda esposa (NGAL, 1994).

Nota-se que Labou Tansi usa o neologismo lexical e semântico como teorizado por Louis Guilbert: “Nosso objetivo é examinar alguns aspectos do relacionamento entre a criatividade que gera frases, que em princípio são sempre novas, e a criatividade que dá origem a novas palavras.” (GUILBERT, 1975).

O referido autor destaca outro tipo de neologismo a que ele chama de neologismo por empréstimo. Trata-se do uso de termos emprestados de outras línguas (GUILBERT, 1975). O uso do neologismo por parte dos autores africanos pode ser considerado como um questionamento da herança colonial, um modo de se apropriar da língua do colonizador rejuvenescendo-a. Kourouma, o primeiro a subverter a língua francesa diz malinkesar (malinkiser) a língua francesa, pois esta não lhe permite expressar corretamente o seu pensamento.

Na ocasião de um encontro sobre Linguagem e poética que aconteceu na “La Maison du sud”, na França, em 2004, Ngal fez uma comunicação sobre “Écritures et devenir autre de la langue dans les romans africains (Escritas e tornar-se outro da língua nos romances africanos). Durante a dita comunicação, ele se interessou pelas escritas

de Kouroma e Labou Tansi, afirmando que as escritas dos dois autores citados apresentam a língua em perpétuo estado de ruptura (NGAL, 2004). Ngal afirma que as tropicalidades de Labou Tansi, por exemplo, ultrajam a língua francesa. Ele enumera uma lista de neologismo como *Excellentiel*, *regardoir*, *gestées*, *deverginasation*, *les pas tout-à-fait*, *les près de mourir*, *les hommes bout de bois*, *les hommes bout de terre*, *chair mot de passe*, *loque mère*, *ses trois ans d'eau dans la vessie*, *infernalement*, *des à fusiller*, *pistolétographes*, *ancien vivant*, *garde-culs* (LABOU TANSI, 1979).

Os neologismos de Labou Tansi¹⁴ têm como objetivo desconstruir o que ele considera o envelhecimento da língua francesa. Nesse contexto, afirma Ngal: “o neologismo orienta a leitura e gera uma nova criação chamada crítica. Esse modo específico de usar a língua francesa, afirma Ngal demonstra a apropriação desta pelos autores africanos (NGAL, 2004).

À luz do que precede, observa-se que os escritores africanos de língua francesa incorporam as línguas africanas nas suas escritas em francês e isto torna evidente a presença da oralidade nessas escritas. O uso do registro popular por parte dos escritores africanos em suas produções literárias, assim como a incorporação das línguas africanas nas suas escritas, ilustra a descolonização da língua na literatura africana de língua francesa.

Como já foi dito, os escritores africanos conquistaram uma grande liberdade na sua produção literária perante o classicismo imposto pelas antigas colônias. Ahmadou Kourouma foi o precursor, mostrando o caminho a numerosos escritores que adotaram a africanização do francês. Alguns críticos julgam essa incorporação das línguas africanas na escrita em francês como um mal necessário, pois permite transferir os sentidos que seriam dificilmente transferíveis através de calque. Isso constitui um processo de “re-criação” como afirma Makouta Mboukou “O autor africano recorre à língua materna para re-criar” (MBOUKOU, 1980).

Em virtude dos fatos mencionados, quando escreve, o escritor africano de língua francesa demonstra uma atitude irreverente em relação aos padrões estabelecidos, em particular no que concerne à norma culta. Vale ressaltar que o francês é uma língua de importação

¹⁴ Sugere-se ainda a leitura de LabouTansi (1983).

colonial que carrega portanto, uma cultura que é “estranha” às culturas africanas. No contexto do escritor africano, torna-se imperativo apropriar-se dela, quando é preciso explicar o ser africano. Na sua tentativa de apropriação da língua francesa, o escritor africano se vê obrigado a transformá-la, tropicalizá-la, subvertê-la e pervertê-la como afirma Edmond Biloa (BILOA, 2007).

Referências

BILOA, Edmond. **Approciation, déconstruction du français et insécurité linguistique dan la littérature africaine d’expression française**. Disponível em <http://www.gerflint.fr>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BURGOS, Jean. **Pour une poétique de l’imaginaire**. Paris : Editions du Seuil, 1982.

CÉSAIRE, Aimé. **Cahier d’un retour au pays natal, Diário de um retorno ao país natal**. Trad. Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: EDUSP, 2012.

CHEVRIER, Jacques. **Littératures d’Afrique noire de langue française**. Paris: Nathan, 1999.

BETI, Mongo; TOBNER, Obile. **Dictionnaire de la négritude**. Paris: L’Harmattan, 1989.

DUMONT, Pierre. L’insécurité linguistique, moteur de la création littéraire: merci, Ahmadou Kourouma. In: **Diversité culturelle et linguistique: quelles normes pour le français?**. IXe sommet de la Francophonie, Beyrouth 2001, Agence Universitaire de la Francophonie, p. 115-121.

GENESTE, Elsa. **Autour de Batouala de René Maran: réflexions sur quelques formulations racistes et antiracistes du mot "nègre"**. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

HUGO, Victor. **Depuis l'Exil 1876-1885**, Actes et paroles, volume 4. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/etext/8490>>. Acesso em: 10 out. 2017.

KOUROUMA, Ahmadou. **Les soleils des independances**. Paris: Editions du Seuil, septembre 1970.

KOUROUMA, Ahmadou. **Allah n'est pas obligé**. Paris: Editions du Seuil, septembre 2000.

KOUROUMA, Ahmadou. **En attendant le vote des bêtes sauvages**. Paris: Editions du Seuil, septembre 1999.

LABOU TANSI, Sony. **La vie et demie**. Paris: Éditions du Seuil, 1979.

LABOU TANSI, Sony. **L'Anté-Peuple**. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

LAVIGNE, Sophie. **De la négritude à la migitude**. Paris: Univ Européenne, 2011.

MABANCKOU, Alain. **Il s'appelait Sony Labou Tansi**. Paris: Humanité, 2015. Disponível em: <<https://www.humanite.fr/il-sappelait-sony-labou-tansi-par-alain-mabanckou>>.

MARAN, René. **Batouala**. Paris: Édition Albin Michel, 1921.

MAKOUTA MBOUKOU, Jean-Pierre. **Introduction à l'étude du roman négro-africain de langue française (problèmes culturels et littéraires)**. Abidjan: NEA, 1980.

MOURALIS, Bernard. **Littératures africaines, Oral, Savoir**. Disponível em: <<http://semen.revues.org/2221>>. Acesso em: 31 out. 2017.

NGANDU NKASHAMA. Pius. **Écritures et discours littéraires. Etudes sur le roman africain**. Paris: L'Harmattan, 1989.

NGAL, Georges. **Création et rupture en littérature africaine**. Paris: L'Harmattan, 1994.

NOGUEIRA, Paula Souza Dias. A questão da identidade em Alain Mabankou. **Boitatá**, Londrina-PR, n.17, jan-jul 2014. p. 88-100. Disponível em: <<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/paula.pdf>>. Acesso em: 02/ fev. 2018.

NGAL, George. "Ecritures et "devenir autre de la langue" dans les romans négro-africains". **Journée d'études du Celfa. Langage et poétique2: l'énonciation littéraire francophone**. Maison du Sud, 2004.

SENGHOR, Sédar Leopold. **Élégie des Alizés**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

Recebido em: 29/03/2018

Aceito em: 06/05/2018